

Espaço urbano e poesia no Distrito Federal: Pistas para uma investigação sobre as representações da cidade

Urban Space and poetry in the Federal District: clues for an investigation of city representations
Espacio urbano y poesía en Distrito Federal: pistas para una investigación sobre las representaciones de la ciudad

Evellyn Caroliny de Jesus'
ORCID: 0009-0003-6228-3659

Resumo

O presente trabalho pretende refletir sobre as representações da cidade, no que diz respeito a duas Regiões Administrativas do Distrito Federal: Ceilândia e Planaltina. Para tanto, parte de duas visitas realizadas ao *campus* da Universidade de Brasília (UnB) de cada uma dessas regiões e mobiliza as observações e relatos coletados nesses dois momentos. Além disso, pretende abordar as representações da cidade pelas poesias produzidas por seus moradores, que nos permitem pensar as vivências e os sentimentos suscitados pela vida urbana naqueles que habitam seus espaços. Assim, mobiliza o arcabouço conceitual de Raymond Williams, em diálogo com debates da Sociologia Urbana.

Palavras-chave: Representações da Cidade; Poesia; Planaltina; Ceilândia.

Abstract

This paper intends to reflect about the representations of the city in two administrative regions of the Federal District: Ceilândia and Planaltina-DF. For this purpose, it is based on two visits to the University of Brasília (UnB) campus in each of these regions and mobilizes the observations and reports collected in these two moments. Furthermore, it intends to approach the representations of the city through the poetry produced by its inhabitants, which allow us to think about the experiences and feelings that urban life arouses in those who inhabit its spaces. Thus, it mobilizes the conceptual framework of Raymond Williams in dialogue with debates in Urban Sociology.

Keywords: Representations of the City; Poetry; Planaltina; Ceilândia.

Resumen

El presente trabajo pretende reflexionar sobre las representaciones de la ciudad, en relación a dos Regiones Administrativas del Distrito Federal: Ceilândia y Planaltina-DF. Para ello, parte de dos visitas realizadas al campus de la Universidad de Brasília (UnB) en cada una de estas regiones y moviliza las observaciones e informes recogidos en estos dos momentos. Además, pretende aproximarse a las representaciones de la ciudad a través de las poesías producidas por sus residentes, que permiten pensar en las experiencias y sentimientos que la vida urbana suscita en quienes habitan sus espacios. Así, moviliza el marco conceptual de Raymond Williams, en diálogo con debates en Sociología Urbana.

Palabras-chave: Representaciones de la Ciudad; Poesia; Planaltina; Ceilândia.

1. Introdução

Planaltina, de tantas contradições e tradições
Esquecida do lado norte do avião
Transporte precário
Falta salário
Um ponto pra exclusão
[...]
Quem foi que disse que a gente vive triste?
Povo que resiste e não desiste
Planaltina, periferia
De cantos, prantos e alegrias
[...]
Pra você saber
Aqui também tem Unb
FUP – Faculdade Unb de Planaltina
FUP – Faculdade Unb da Periferia
(CARMO, 2019, p. 15-16)

Nesses versos encontramos um tom significativo, uma representação sobre a cidade pautada em seu lugar enquanto “periferia”, aliada a tônica da resistência, focalizando os sentimentos de felicidade e de tristeza daqueles que ocupam seus espaços. Como escreve a autora, “Planaltina, de tantas contradições e tradições” (CARMO, 2019, p. 15). Assim, podemos identificar o sentimento vívido de uma tensão entre a “capital federal” e sua “periferia”, esquecida pela utopia do planejamento urbano representado pelo formato do “avião”. Aliado a isso, temos a afirmação contundente da presença da Universidade Brasília (UnB), associada a ambi-

guidade de um jogo de palavras, no qual “periferia” ocupa o lugar de “Planaltina”.

Esse olhar específico sobre o urbano diz, não apenas a respeito do espaço em si, mas sobre a posição daqueles que lhe observam²: essa representação alia-se a uma experiência, uma forma de vivenciar a cidade por uma ótica específica. O que esse ponto de vista nos permite enxergar é que, para além dos discursos oficiais, principalmente aqueles associados ao imaginário de Brasília enquanto a capital modernista, a experiência urbana no Distrito Federal é marcada por tensões, aparentes na medida em que adotamos a perspectiva daqueles que vivenciam a cidade por suas contradições.

Nesse sentido, Raymond Williams é um autor que nos oferece a possibilidade de considerar a centralidade e a importância cultural das ideias de campo e cidade, visto “o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas” (WILLIAMS, 1989, p. 11). Tendo isso em vista, o presente artigo pretende refletir sobre as representações da cidade, no que diz respeito a duas Regiões Administrativas do Distrito Federal: Ceilândia e Planaltina. Esse trabalho tem como base empírica duas visitas realizadas ao *campus* da Universidade de Brasília de cada uma dessas regiões, durante a realização da disciplina de Sociologia Urbana, ministrada no primeiro

2 Nesse sentido, me inspiro nas formulações de Raymond Williams (1979), principalmente no que diz respeito à noção de ponto de vista. É isso que permite com que o autor opere uma vinculação entre escritor e obra: “há uma proposição central no marxismo, quer expressa na fórmula da infraestrutura e da superestrutura, quer na ideia alternativa da consciência socialmente constituída, segundo a qual a escrita, como outras práticas, é, num sentido importante, sempre alinhada; isto é, que ela expressa, explicita ou implicitamente, a experiência especificamente selecionada, a partir de um ponto de vista específico. Há, decerto, margem para uma argumentação sobre a natureza precisa desse ‘ponto de vista’. Ele não tem, por exemplo, de ser separável de uma obra, como na noção antiga de uma “mensagem”. Não tem de ser especificamente político, nem mesmo social no sentido mais limitado. Não tem, finalmente, de ser considerado como em princípio separável de qualquer composição específica. Não obstante, essas restrições não pretendem enfraquecer a afirmação original, mas simplesmente esclarecê-la”. (WILLIAMS, 1979, p. 198)

semestre de 2022 pelo departamento de Sociologia dessa mesma instituição. Assim, mobiliza as observações e relatos coletados a partir de conversas informais nesses dois momentos.

Além disso, pretende abordar as representações da cidade pelas obras literárias produzidas por seus moradores, destacando as vivências e sentimentos suscitados pela vida urbana naqueles que habitam seus espaços. O objetivo geral é apontar caminhos e possibilidades de análise, tendo em vista que, pelo contato muito breve com os lugares e as pessoas, não será possível realizar conclusões definitivas.

Essa temática exigiria um mergulho mais aprofundado, não apenas na análise das obras selecionadas, mas também nas trajetórias de seus autores, além do contexto histórico-cultural dessas regiões, o que acabou ficando fora do escopo deste trabalho. Tendo como inspiração as formulações de Raymond Williams (1989), o que proponho é um esboço preliminar de análise, um exercício de contrastar as discussões realizadas durante a disciplina com esse autor que é base da minha pesquisa de mestrado. Esse exercício acabou resultando em um levantamento de imagens e sentimentos comuns mobilizados tanto pelas obras quanto pelos relatos.

Pensar as estruturas de sentimento pode se mostrar um caminho interessante em um trabalho futuro, visto que este é um conceito que vem para tentar dar conta de um

fenômeno experimentado por todos nós: “em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas” (WILLIAMS, 1989, p. 11). Com isso, é possível enxergar que, apesar da realidade ser composta por uma gama imensa de atividades e de experiências que envolvem a vida na cidade, bem como a do campo, nessa variedade histórica encontramos a persistência de certas imagens e associações, verdadeiras formas de sentir esses espaços³.

Vale ressaltar que “a vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (WILLIAMS, 1989, p. 21). Porém, apesar da formulação instigante, não objetivo com esse trabalho transpor o arcabouço conceitual de Raymond Williams para analisar uma realidade específica; tomo a liberdade para mobilizá-lo como uma inspiração teórica – a influência de suas ideias está presente a todo momento enquanto uma forma específica de olhar o mundo, mas o destaque recai sobre as obras e os interlocutores.

2. Pensando campo e cidade em Planaltina - DF

Ao pisarmos no *campus* de Planaltina (FUP), a primeira coisa que se destacou foi o fato de nos reunirmos fora da sala de aula.

3 Dentro daquilo que Williams chama de “atitudes mentais poderosas”, encontramos imagens recorrentes em relação a ideia de campo e cidade: “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade Clássica”. (WILLIAMS, 1989, p. 11)

Assim, logo de início, ocupamos um lugar simbólico para aqueles estudantes. A área na qual nos sentamos para ouvir seus relatos estava carregada de sentimentos e representações: foi o lugar da cozinha comunitária durante as ocupações; das festas estudantis como espaços importantes de socialização e lugar também das mobilizações ao redor dos centros acadêmicos, que anteriormente se reuniam ali. Um mesmo espaço, múltiplos significados e apropriações. Foi nessa roda de conversa que nos apresentaram o Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do conhecimento sobre Literatura Marginal (NEOLIM).

A partir da existência desse grupo de estudos, e em diálogo com nossos anfitriões, cheguei a duas publicações que se propõem a tarefa de difundir a “Literatura Marginal”: o volume 1 e 2 do livro *Poesia nas Quebradas*, ambos organizados por Ravena Carmo. Como alguém que vem pesquisando romances brasileiros, qual não foi a minha surpresa quando as conversas indicaram justamente a centralidade da produção poética no Distrito Federal. Meus interlocutores, se não eram poetas, conferiam um lugar de destaque para esse gênero em suas falas. Isso permite pensar em termos de uma cena cultural nas diversas Regiões Administrativas do Distrito Federal que, não apenas gira em torno da poesia, mas é marcada por diversas outras produções e manifestações culturais, nas quais a performatividade aparece enquanto característica marcante, como o caso das batalhas de rima e dos sarais, por exemplo.

Vale comentar que, ao chegarmos em Planaltina, ouvimos a declamação de uma poesia com o intuito de nos “apresentar” a

cidade, o que me faz pensar na oralidade e no improvisado como elementos formais constitutivos de parte dessas produções. A dimensão da *performance* acrescenta outras complexidades para a análise, o que faz com que apenas uma abordagem formal dos versos não seja suficiente para captar os diversos elementos constitutivos dessas manifestações: tanto aqueles que dizem respeito à interação entre artista e plateia, por exemplo, muito vívida no contexto de uma declamação, como aqueles componentes da fala e do timbre, como a entonação da voz.

Com relação ao livro *Poesia nas Quebradas*, temos a afirmação de que esta obra “é sobre sentir, viver e ser a periferia” (VERONIKA, 2019, p. 12). Nos múltiplos significados que a cidade carrega, “definida como o nosso território, nossa vizinhança, nosso bairro, nossa viela, nossa quebra”, a proposta do livro é então ressaltar “o pertencimento, a identidade, o lar, o lugar e o não lugar, com sentimentos de alegria, dor, certeza, perda, encontro, revolta, liberdade e até saudade” (VERONIKA, 2019, p. 11). É significativo, portanto, pensar na ideia de uma literatura que carrega a alcunha de “marginal”.

Ainda nas palavras de Veronika, “a literatura é periférica e marginal porque foi escrita por quem está à margem de uma sociedade que ainda não aprendeu a valorizar o cotidiano e as vivências do outro” (VERONIKA, 2019, p. 12). Como termo que suscita muitas reflexões, a ideia de Literatura Marginal vem sendo reivindicada por uma gama de autores e mereceria uma análise mais detida. Como relata um dos integrantes do NEOLIM, em conversas informais, apesar de ainda não

terem elaborado um conceito para as coletâneas de poesia, o foco central está em manter a “potência política das produções”, para além de um esforço de categorizá-las.

Nesse sentido, esse termo funciona como aposta de afirmação e de inserção desses autores no circuito da produção cultural do Distrito Federal. Além disso, ao nos determos nas produções, podemos perceber uma carga simbólica específica associada à Brasília, visto que as poesias aqui abordadas trabalham na chave de uma tensão entre a capital e suas “periferias”. Assim, o que há de mais significativo, a meu ver, é que essa perspectiva coloca justamente em questão a narrativa corrente de Brasília enquanto a capital modernista.

Tendo isso em vista, analisarei brevemente o segundo volume do livro *Poesia nas Quebradas*, que reúne autores de diversas Regiões Administrativas do Distrito Federal. Porém, conforme o recorte desse trabalho, destaco apenas os poemas dos autores de Ceilândia e de Planaltina. Nessas poesias, percebemos que raça, classe, desigualdade e capitalismo são temas que permeiam as representações, ao lado também das noções de solidariedade, esperança e a busca por dias de paz. O tom contundente de crítica prevalece e aponta para a procura de possibilidades, muitas delas vislumbradas fora do sistema: “em nenhum lugar eu encontrei, continuarei caminhando até me alegrar, lutarei, batalharei até o sistema capitalista derrotar” (ALEXANDRE, 2021, p. 93).

Uma consciência que enxerga a possibilidade de mudança, de saída da situação de quem vive uma cidade marcada pela tônica da desigualdade:

Aqui na minha cidade,
As ruas tem buracos e não bueiros
Mil empregadas e mil pedreiros
Porque na minha cidade,
A educação é precária
[...]
Aqui na minha cidade,
As visões começam a mudar
E quando chegarmos ao topo
Saiba que todos os prédios
Da cidade grande dos nobres
Nós iremos derrubar
(ROCHA, 2021, p. 85-86)

Nessa cidade repleta de assimetrias, as poesias também abordam as experiências das pessoas negras que ocupam esses espaços:

Ir no shopping, preto que sabe, viu
É segurança de porta em porta
E se der ruim, corre “tio”
Porque é para você que vão apontar.
Teu alvo pintando em 500 anos de escravidão vai te
delatar
(PIRES, 2021, p. 23)

É desse contexto que emerge a busca por dias melhores, junto a tônica da resistência e da luta, pois, “afinal, o que é ser aceito? É ocupar” (CARDOSO, 2021, p. 42):

Dar voz à sua luta
Ocupar lugares, universidades
Aqueles lugares as quais o ser padrão e elite acredita
ter conhecimento e posse
Não se contente, queira respostas
Que a justiça seja feita
Em todas as línguas ou religiões
Que os pedidos e choros se transformem em expressão!
(CARDOSO, 2021, p. 42-43)

Nesse sentido, aparecem imagens relacionadas aos desafios enfrentados por aqueles que habitam a cidade, que os tornam verdadeiros “sobreviventes”:

Somos seres sobreviventes
Em uma incessante disputa,
Por direito a igualdade
Que se perde a cada dia,
(WN RAPPER, 2021, p. 74)

Além disso, apesar de marcada pela violência e desigualdade, a cidade também é lugar de uma esperança que resiste:

Narrando pra você em poesia
Tudo aquilo que eu perdi...
Perdi minha liberdade;
Perdi minha família;
Só não perdi minha esperança
(MARTINS, 2021, p. 64)

Esperança de que, independentemente das lutas, “a arte ainda pode nos salvar” (GABRIELA, 2021, p. 102):

Estrelas que brilham na escuridão
Fazendo com que em meio a tanta bagunça
Ainda possa ter arte
Damos sentido
Fazendo com que toda sua desordem
Ainda que de alguma forma, faça sentido,
E tenha ordem
(GABRIELA, 2021, p. 101)

O que considero interessante notar é a tônica da luta e da resistência como temas também recorrentes nos relatos coletados durante ambas as visitas. Essa confluência temática entre relatos e poesias não é mera coincidência, pois aponta para uma experiên-

cia específica, que pauta um olhar sobre a cidade.

No caso da FUP, as falas de nossos anfitriões mobilizaram uma memória da instituição, pautada pelo viés da reivindicação por diversas demandas e pela história de resistência associada à institucionalização de seus cursos, principalmente o de Educação para o Campo. Nossos anfitriões destacaram o envolvimento direto desse curso com os movimentos pela terra, ocupando um lugar de embate com interesses vinculados ao agronegócio. Além disso, o simples fato de os portões ao redor do *campus* estarem abertos foi pontuado como resultado direto das reivindicações pelo direito de acesso da comunidade local, em desafio direto a um projeto de universidade que se faz presente fisicamente, mas está isolada da população ao seu redor.

Outro ponto central dos relatos foi a aproximação com o campo, tanto por causa do corpo discente, composto de alunos quilombolas participantes de um regime com temporalidade própria, quanto pela paisagem, com o cerrado bem preservado a nossa volta. Em suas falas, nossos interlocutores mobilizaram diversas representações de campo e cidade com múltiplos significados, tanto que em um dos comentários vemos Planaltina associada a um lugar onde “o cavalo está lado a lado com o Grafitti”. Nesse sentido, cidade e campo não estão em termos de uma distância intransponível, ou em uma necessária oposição, mas em relação, próximos um do outro e, inclusive, conjugados pelo símbolo da resistência, presente nessas diversas representações, bem como marcado

nas próprias paredes pelas variadas artes que ocupam os prédios da instituição.

Tendo isso em vista, considero um caminho interessante pensar nas convenções associadas às representações do campo e da cidade. Por isso, penso as poesias e os relatos a partir da disposição específica de elementos que eles pressupõem pois, como nos mostra Williams, a apresentação de um lugar sempre carrega algo de muito significativo:

as descrições de grandes casas, de paisagens rurais, de cidades, ou de fábricas são exemplos evidentes dessas convenções variáveis, onde o “ponto de vista” pode ser considerado como uma escolha “estética”, mas onde qualquer ponto de vista, inclusive aquele que exclui pessoas ou as transforma em paisagem, é social. (WILLIAMS, 1979, p.176)

A hipótese inicial desse trabalho diz respeito à possibilidade de aproximar as experiências de Planaltina e Ceilândia, a partir de uma interpretação das poesias. Ainda tendo como referência o volume 2 do livro *Poesia nas Quebradas*, o que se sobressai da leitura dos poemas e da disposição de seus elementos, tanto nos autores de Planaltina quanto de Ceilândia, são temas comuns e o tom contundente de crítica. Apesar das particularidades e dos contextos muito distintos dessas regiões, seria possível então pensar em uma experiência comum que as une: aquela que diz respeito ao lugar de “periferia” em relação ao Plano Piloto.

Nesse sentido, vale recapitular, mesmo que brevemente, os discursos veiculados ao redor do projeto de Brasília que

ajudaram a instituir o imaginário da cidade enquanto a capital modernista. Holston (1993), por exemplo, é um autor que insere a concepção dessa cidade no contexto de um “modernismo vanguardista”. Para ele, Brasília figura como o exemplo “mais completo já construído das doutrinas arquitetônicas e urbanísticas apresentadas pelos manifestos dos CIAM” (HOLSTON, 1993, p. 37). CIAM diz respeito ao fórum internacional mais importante de debates sobre a arquitetura na época, onde eram discutidos, com especial atenção, a questão das cidades modernas. O plano de Brasília representa, então, uma “ilustração perfeita”, nas palavras do autor, dos princípios discutidos e formulados por esse fórum:

um cruzamento de vias expressas determina a organização e a forma da cidade exatamente como Le Corbusier, o mentor dos CIAM, preconizava [...] Superquadras residenciais são colocadas ao longo de um dos eixos; áreas de trabalho ao longo do outro. O centro público se localiza num lado do cruzamento entre dois eixos. A área de recreação toma a forma de um lago e um cinturão verde rodeia a cidade. Et voilà - planejamento urbano total. (HOLSTON, 1993, p. 38)

Sem diminuir a originalidade de seus idealizadores, Holston vincula Brasília a essa ideia de cidade moderna que estava sendo gestada. Porém, destaca as diferenças do projeto com relação a *Le Corbusier*: “a arquitetura de Niemeyer, por exemplo, é nitidamente mais leve e mais icônica que a de Le Corbusier, e o plano de Lúcio Costa inclui

um centro público - a quinta função que não havia sido definida quando Le Corbusier criou suas cidades ideais”. (HOLSTON, 1993, p. 38) Assim, seria possível dizer que existe um mesmo modelo de ordem urbana que estrutura essas concepções de cidade. Além disso, Holston aponta para a relação entre as propostas do CIAM e o modernismo soviético:

ambos os grupos partilhavam muitos dos princípios básicos no desenvolvimento de uma crítica das condições urbanas existentes, assim como uma teoria abrangente da nova cidade, e propunham soluções arquitetônicas específicas para as novas instituições da sociedade industrial, a saber, habitações em massa, fábricas, prédios de administração, parques e sistemas de comunicação. (HOLSTON, 1993, p. 44)

Dessa maneira, ressalta a aproximação de tais ideias com o projeto de Brasília:

tanto o construtivismo soviético como o funcionalismo pós-stalinista proporcionaram aos brasileiros mais do que simples exemplos de soluções arquitetônicas específicas. Proporcionaram também o modelo daquilo que Niemeyer chamou de “arquitetura social” na “solução” de problemas coletivos. (HOLSTON, 1993, p. 45)

Tendo isso em vista, Holston denuncia as contradições cruciais desse projeto. A partir da influência das ideias soviéticas no contexto brasileiro, é importante perceber que, na ótica de Niemeyer, esse tipo de arquitetura social

seria impossível no Brasil. Por isso, enquanto um arquiteto profissional, ele não teria “outro caminho senão servir as classes da elite ou um governo demagógico e oportunista”: “como um arquiteto modernista politicamente radical, Niemeyer afirma estar forçado, assim, a assumir uma contradição básica em sua prática, entre sua arquitetura necessariamente ‘não social’ e suas convicções políticas”. (HOLSTON, 1993, p. 45) Além dessa contradição básica entre Niemeyer e seu ofício, Brasília também carrega outras complexidades, que advêm do fato de ter sido

planejada por um liberal de centro-esquerda, seus prédios desenhados por um comunista, sua construção foi feita por um regime desenvolvimentista, e a cidade consolidou-se sob uma ditadura burocrática-autoritária, cada qual reivindicando uma afinidade eletiva com a cidade. (HOLSTON, 1993, p. 46)

Outro ponto crucial para pensar a questão é ter em mente o papel simbólico atribuído aos arquitetos, que teriam

encarado o projeto estatal de construir uma nova sede de governo como oportunidade para erigir uma cidade que iria transformar a sociedade brasileira, ou pelo menos impelir fortemente essa transformação – **um projeto, diga-se mais, de transformação social sem levante de massas.** (HOLSTON, 1993, p. 85, grifos próprios).

Dessa forma, Holston confere um papel propositivo central para a ação dos

arquitetos. Para além do planejamento, o que estava em jogo era uma concepção de cidade e, principalmente, de sociedade.

Vale ressaltar outra contradição fundamental: o plano pretende relegar os sinais de *status* ao âmbito privado e para isso estipula que “todos os habitantes de Brasília deverão viver em unidades residenciais do mesmo tipo, e que todos morarão na zona residencial planejada” (HOLSTON, 1993, p. 85). Porém, ao tentar lidar com a questão da estratificação residencial, o planejamento não se propõe a modificar a estratificação pressuposta pela estrutura da própria burocracia. Operando em uma lógica dual, que contrapõe ambiente de trabalho e local de residência, o plano se baseia em uma crença na possibilidade de neutralizar as hierarquias funcionais, na “expectativa de uma reviravolta de papéis, pela qual os padrões de autoridade e de deferência estabelecidos no trabalho não são transferidos para a moradia” (HOLSTON, 1993, p. 87).

Para que esse modelo funcione, seria necessário que

o burocrata que detém o mando no escritório esqueça de suas prerrogativas no momento de relacionar-se com vizinhos que bem podem ser subordinados distantes na estrutura burocrática. Do mesmo modo, assume-se que os subordinados sejam capazes de transcender em casa e no clube da vizinhança a deferência que os separados funcionários mais altos no local de trabalho. (HOLSTON, 1993, p. 87)

Porém, esse ideal de sociedade igualitária está longe de se realizar:

o plano de fato criou um sistema residencial que, durante alguns anos, impôs uma mistura de diferentes classes sociais na mesma superquadra e no mesmo clube. Mas, como sugere o bom senso, suas intenções igualitárias logo naufragaram em face da impossibilidade de tais reviravoltas nos papéis sociais. (HOLSTON, 1993, p. 87).

Além de analisar os planos que participaram da instituição de um imaginário ao redor de Brasília, outro aspecto importante diz respeito aos discursos veiculados nos anos 60 que funcionaram como estratégias de legitimação para esse empreendimento. Holston identifica dois tipos comuns de legitimação: por um lado, aquela que se dá pela ruptura, por outro, aquela associada à recapitulação histórica, “enquanto um rompe com o passado e salta em direção ao futuro, o outro identifica o futuro como a verdadeira realização das promessas iniciais do Brasil, que os anos anteriores não haviam conseguido concretizar” (HOLSTON, 1993, p. 208). Ao redor do imaginário sobre a construção da cidade, circularam ideias associadas a um voltar-se ao passado pela recapitulação histórica: “temos a Phillips Petroleum anunciando que, em Brasília, ‘o Brasil vê realizado o sonho dos Inconfidentes e o ideal dos Republicanos’” (HOLSTON, 1993, p. 208). Por outro lado, houve a construção de uma verdadeira “estética do apagamento e da reinscrição”, mobilizando a dimensão da ruptura por meio de um planejamento modernista que teria a capacidade de “apagar a velha ordem e reinscrever uma nova”, em um discurso

de evidente rompimento com o passado que postula um futuro radioso, “adotado pelos interesses industriais que se beneficiavam da política de Kubitschek” (HOLSTON, 1993, p. 208).

Nesse sentido, pensar Brasília e suas contradições, como nos mostra Holston e as poesias acima mencionadas, é um caminho interessante para compreender essa experiência urbana e seus desafios atuais. Enquanto a cidade, por uma certa perspectiva, poderia ser vista na chave de um apaziguamento de tensões, uma verdadeira transformação social sem levante de massas, como destaca Holston, nos deparamos com a potência política das produções culturais que nos oferecem a visão de uma experiência urbana não pacificada, sendo posta em questão em seus múltiplos significados.

3. Ceilândia: múltiplos significados

A partir do contexto no qual se inserem as concepções do planejamento de Brasília e do imaginário ao redor de sua construção, podemos refletir sobre a configuração das Regiões Administrativas e as diversas problemáticas daí advindas, que levam autores como Paviani a trabalhar com a ideia de uma “segregação planejada”. Como ressalta o autor, no final da década de 60, o Distrito Federal identificou inúmeras “favelas que ocupavam territórios estratégicos nas proximidades do Plano Piloto”:

Segundo foi reportado pela imprensa, o então presidente da República (general Médici) teria manifestado ao governador (coronel Prates da Silveira)

seu desagrado por ter em sua trajetória para o Palácio do Planalto e, deste, para o sítio do Riacho Fundo, numerosas e “incomodativas invasões”. Para atender à observação presidencial e tentando coibir a proliferação das favelas (sempre atribuídas as fortes migrações) o governo do Distrito Federal instituiu a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), que, entre os anos de 1970 e 1972, cadastrou todos os barracos existentes nas vilas periféricas ao Núcleo Bandeirante, transferindo posteriormente sua população para a nova localidade de Ceilândia. Em razão do aparato montado, a transferência se deu sem que os percalços (poeira, lama, falta de água e de trabalho) constituíssem motivo de revolta dos transferidos. O “comportamento adequado” dos favelados foi também atribuído à promessa de “legalização” dos terrenos a baixo custo e pronta instalação de equipamentos como escolas, água encanada e eletricidade, facilidades que não eram encontradas nos acampamentos e favelas da periferia do Núcleo Bandeirante. (PAVIANI, 1991, p. 129)

A construção injusta do espaço urbano, nas palavras do autor, se dá pelo fato de que na nova localidade não havia oferta de trabalho nas proximidades, “nas favelas e acampamentos da periferia do Núcleo Bandeirante, ao contrário, o trabalho estava próximo: no próprio Núcleo ou a dez quilômetros, no Plano Piloto” (PAVIANI, 1991, p. 129). Desse modo, o mercado de trabalho passou por uma desestruturação, bem como outras instâncias da vida desses moradores como o lazer, as relações de vizinhança, acesso a serviços e afins.

Mara Resende destaca que essa cidade resultou de “uma iniciativa oficial de desfavelamento, criada para resolver o problema da ocupação urbana em Brasília” (RESENDE, 1991, p. 210). Porém, na prática, o que ocorre é que Ceilândia “soluciona um problema - a moradia - e o recria a um só tempo, a ponto de ser (re)conhecida como uma grande favela, fruto da ação do próprio governo” (RESENDE, 1991, p. 210). Uma ideia interessante, que propõe a contradição entre solucionar e recriar um problema a um só tempo, visto que essa cidade representa uma resposta do governo ao “problema da moradia”, ao mesmo tempo que constrói a experiência urbana pela “favela”.

Dessa maneira, a autora aborda os movimentos de moradores que marcam profundamente a experiência nesse espaço. Dentre as mais variadas formas de pensar os movimentos sociais, Resende chama atenção para a perspectiva de Touraine que, ao invés de considerá-los como respostas a uma crise, os enxerga pela ótica do conflito como eixo estruturante. Movimentos compostos por agentes que não são apenas econômicos, mas também culturais e políticos, em uma perspectiva que traz para o centro do debate o conflito de classes.

Porém, a autora destaca que, ao invés de uma ideia de classe como conjunto homogêneo, o que encontramos quando observamos a composição dos moradores de Ceilândia é uma “heterogeneidade social”, marcada pela presença de “trabalhadores do ramo da prestação de serviços, ambulantes, biscateiros, operários, etc” (RESENDE, 1991, p. 211). Sua abordagem segue então pelo caminho que associa o morador da

Ceilândia não a uma base de classe, “que já vimos ser pluralista, mas aos laços de identidade, aos sentimentos comuns criados no local de moradia” (RESENDE, 1991, p. 215).

Desse modo, não podemos perder de vista esses laços ao pensar nas poesias de seus moradores. Laços tão fortes que nos fizeram perceber como amigos, ou pelo menos conhecidos, os interlocutores que nos apresentaram a Faculdade de Ceilândia (FCE) e que nem sequer haviam se encontrado antes. É que em suas falas, para além das gírias, expressões e referências em comum, encontramos uma base material de experiências múltiplas compartilhadas.

A partir do trabalho de Mara Resende (1991), é possível então considerar o “direito de morar” como uma tônica que marca a experiência dos moradores de Ceilândia e que pode servir como chave para entender o viés das representações centradas na ideia da reivindicação, da resistência e da luta:

as ameaças de despejo, precariedade das habitações, a contingência de não encontrar imóvel para alugar quando a família é numerosa são elementos que pontilham o cotidiano desses moradores. São exatamente esses elementos que forçam os inquilinos a tomar consciência da própria exclusão e definir estratégias de ação que façam valer o direito que se atribuem: o direito de morar. (RESENDE, 1991, p. 229)

Na visita à FCE, a fala de nossos anfitriões foi no sentido de relatar as dificuldades que encontram ao residir e ocupar esse espaço. Ressaltaram a dificuldade de loco-

moção, tendo em vista as rotas dos ônibus e a integração entre as regiões, e a questão dos espaços de lazer, com falta de cinemas e teatros. Tudo isso aliado à problemática da saúde e da segurança, além dos estereótipos atribuídos ao morador de Ceilândia. Porém, para além dos problemas, existem as potencialidades do espaço, as diversas manifestações culturais, os diversos ritmos. Como aparece em uma das falas, “aquí a gente encontra o que há de melhor ou pior no Distrito Federal”, ressaltando os múltiplos significados que Ceilândia pode adquirir.

Ao lado dos problemas estruturais, caminham também as potencialidades. Assim como Williams destacou a experiência urbana de Londres, em torno da qual corriam representações que a erigiam tanto como o lugar das luzes, da iluminação e do progresso, quanto como o lugar da bruma, das sombras e dos becos, existe uma multiplicidade de representações que partem da experiência daqueles que vivenciam Ceilândia. Cidade que é representada como um “problema urbano” nos discursos oficiais, mas que, para seus moradores, adquire outros significados como o de um ambiente cultural rico e fervilhante, que cria seus próprios circuitos culturais⁴.

Outro aspecto central da visita foi a percepção de uma tensão universal/regional entre os *campi* da universidade, em específico, entre o Darcy Ribeiro, situado no Plano Piloto, e o campus de Ceilândia. Enquanto

caminhávamos pelo espaço durante a visita, fizemos comparações entre esses lugares e foi comum ouvir falas como “lá na UnB” para se referir ao campus Darcy Ribeiro, como se ele representasse por si a totalidade da instituição. A centralidade simbolicamente instituída desse *campus* estava sendo reatualizada a todo momento na espontaneidade de nossas falas, até que um de nossos colegas comenta o fato de que ali, na Ceilândia, também estávamos na UnB. Rimos desconcertados. Essa foi uma experiência interessante para observar na prática como as distâncias simbolicamente instituídas se fazem presentes e são reproduzidas a todo momento.

Além disso, outro ponto de destaque é a distância simbólica entre os moradores de Ceilândia e própria instituição, a Universidade de Brasília. Por isso, os relatos de nossos interlocutores mobilizaram a concepção de “ocupar o espaço”, que vai além da dimensão física: a questão nunca foi apenas acessar espacialmente o *campus* que, apesar de estar literalmente ao lado do metrô, não se conecta a ele, mas também uma ocupação no sentido simbólico de afirmar a presença da “periferia” em uma instituição de prestígio como a Universidade de Brasília.

Como disse um dos interlocutores, “isso aqui não era real, começou a ser a pouco tempo”. Essa fala nos permite pensar nas acepções da ideia de tornar real: o espaço físico, obviamente já existia, mas esse ser real aqui está ligado justamente a possibi-

4 Esses circuitos foram constantemente mencionados, a partir da afirmação de que, na Ceilândia, “nós produzimos nosso próprio entretenimento”. Nesse sentido, foram citados vários tipos de festas, encontros, estilos musicais e danças, circuitos culturais abordados com maior profundidade na dissertação “Entre Garotos e Suas Equipes: Consumo tecnocultural e dinamicidade ético-estética na cena black brasileira” e na tese “Não sou boy só não sou otário: Negócios, diversão e prestígio nos mercados pop periféricos” de Saulo Nepomuceno, um de nossos anfitriões.

lidade de adentrar esse espaço de prestígio acadêmico. Os interlocutores relataram as variadas dificuldades que tiveram para estar na UnB, advindas das mais diversas configurações que as desigualdades podem adquirir no Brasil (educacionais, financeiras, raciais...). Por isso, o simbolismo da palavra ocupar, como forma de também dizer resistir.

Mais uma dimensão presente nessa ideia de tornar real é a da afirmação da excelência acadêmica desse *campus*, do reconhecimento de que existe produção, ensino e pesquisa de qualidade na Ceilândia, na contramão dos discursos que veicularam o medo da perda de excelência da instituição quando da inauguração do campus da FCE. Era tendo isso em vista que nossos interlocutores afirmavam sua identidade e origem, a afirmação do orgulho de ser e pertencer à Ceilândia como forma de fazer frente às desigualdades sociais que permeiam a construção espacial e simbólica desses espaços.

Tendo isso em vista, é importante ter em mente o que Antonádia Borges chama de “tríptico”, que diz respeito à “participação equânime de nossas próprias teorias, de teorias da disciplina e de teorias de nossos anfitriões” (BORGES, 2009, p. 28). Segundo essa perspectiva, é importante considerar como as próprias pessoas estão percebendo e produzindo representações sobre seus espaços de origem⁵. Isso quer dizer que esses atores não estão na posição de serem explicados, mas de produzirem, tão ativamente quanto qualquer pesquisador, teorias sobre si.

Essa é uma compreensão fundamental, pois diz muito sobre os relatos que ouvimos em ambas as Regiões Administrativas. Eles trazem as problemáticas e a ênfase daqueles que estão cotidianamente pensando e agindo em sua realidade, que vivem seus problemas de perto e que, ao mesmo tempo, propõem também soluções e possibilidades de intervenção. Indivíduos teorizando sobre si mesmos, que possuem suas próprias perguntas e respostas. Assim, meu papel nesse trabalho é apenas relacionar minhas experiências ao visitar e ouvir essas pessoas com as poesias que tive acesso, sem pretender elucidar coisa alguma. Estou preocupada apenas em observar a carga simbólica desses discursos e produções, bem como em levantar os sentimentos que elas instituem e mobilizam.

Ainda em diálogo com nossos anfitriões na Ceilândia, cheguei ao nome de alguém que parece ser uma figura central para o meio cultural daquele espaço: Meimei Bastos. Suas poesias, assim como aquelas abordadas na primeira parte deste trabalho, carregam um tom forte de crítica social, trabalhando com temas comuns a Planaltina: raça, classe e desigualdade. Como observamos em um de seus poemas:

quando eu era pequena e só
sentia bom quintal, ruim briga,
e brincava de tatu bolinha
comendo bananinha de trevo
de quatro folhas, azedinha, até
a Lua aparecer e meu paraíso

5 Como exemplo, Borges destaca o impacto em sua pesquisa da interpretação presente na própria percepção de seus interlocutores, relacionada a uma afirmação recorrente, condensada na ideia de que “o Recanto mudou muito” ou “o Recanto melhorou bastante”: “como tenho aprendido, não diz respeito apenas ao incremento dos equipamentos urbanos em regiões que eu conhecera outrora completamente desprovidas de serviços públicos. Diz respeito à percepção e tolerância que as pessoas têm sobre um olhar distanciado e preconceituoso sobre a cidade em que vivem”. (BORGES, 2009, p. 37)

virar céu inteiro, **nesse tempo, não sabia que o lugar onde eu vivia tinha nome, causa e classe.**

era só quando saía, várias distâncias em horas de baú, que percebia, na rua asfaltada, casas rebocadas, gente vestindo roupa de sair em casa **que o canto onde minha casa pousava era diferente.** minha mãe dando faxina, minha mão coçando pra malinar. meu olho desacostumado com tanta parede pintada, água encanada, com um quarto só de livro, outro só de brinquedo. puxa! **eu não entendia: por que ali tinha e lá em casa não?**

hoje eu sei, e ainda não aceito.

(BASTOS, 2020, grifos próprios)

Na experiência cidadina da desigualdade cotidiana, a poesia de Meimei Bastos nos permite vislumbrar, em contraste com a cidade sonhada:

sentada no ônibus
eu o vi
descendo a Catedral,
entre o grau 15° e 20°,
da cidade sonhada.
ele, parecia um raio de Sol.
nas minhas vistas,
miragem,
Sonho.
ainda que triste
o cenário.
[...]
eu vi
no semáforo,
uma luz.
era Jesus,
e ele era um menino preto.
(BASTOS, 2021b)

Ao mesmo tempo, nesse cenário de injustiças, a poesia aparece como força de profetizar dias melhores:

o que você fará por nós?

não sei.

escreverei um poema profético

como quem joga

as cartas

lê a borra

e decifra estrelas.

não mais poeta.

Profeta

anuncio:

serás rainha,

menina.

não mais as copas

não mais arrastada

não mais o sub

seu lugar será o trono.

(BASTOS, 2021a)

Potencialidade inscrita no próprio fazer poético que também aparece relacionada à imagem de comunhão e de solidariedade veiculada pela ideia dos versos-teia, tendo em vista que as teias não simbolizam aprisionamento, mas liberdade:

Só faz parte do mundo das teias-versos

quem vive de liberdade.

Entre laços e enlaces

construo teias e versos,

a fortaleza, que se liga a outras,

por fios-versos invisíveis de solidariedade

(FLORINDO, 2021, p. 123)

Novamente, estamos no âmbito da organização e disposição dos elementos e, com base nisso, acredito que é um caminho profícuo pensar nesse tom compartilhado entre as poesias como uma resposta expressiva. Nesse caso, estamos enfrentando o desafio metodológico de partir da “crença em toda atividade humana como uma tentativa de oferecer uma resposta expressiva a uma situação objetiva particular”. (WILLIAMS, 2011, p. 32)

Para encerrar, ainda com relação aos depoimentos coletados na visita à Ceilândia, surge algo que pode ser considerado uma outra experiência dentro desse espaço: a de habitar na Chaparral, descrita como a “periferia da periferia” por nossos interlocutores. Nesse sentido, novamente trazemos as contribuições de Holston para pensar a questão urbano e rural nesse espaço:

quando se percebe que quase todas essas residências estão completamente fechadas por sólidas cercas e que os caminhos assim formados são os únicos espaços públicos - não havendo praças ou edifícios públicos e comerciais dentro da massa de vielas retorcidas -, torna-se mais claro que essa parte de Vila Chaparral teve um povoamento mais rural do que urbano (HOLSTON, 1993, p. 297).

A partir dessa configuração ambígua, com forte presença de elementos do mundo rural, podemos observar as distâncias simbólicas apontadas por nossos interlocutores que relataram os estigmas e estereótipos enfrentados pelos moradores desse espaço. Na experiência de estudar em Ceilândia, mas

morar na Chaparral, por exemplo, os interlocutores nos contaram sobre as piadas correntes a respeito dos sapatos sujos de barro e gírias pejorativas para se referir ao fato de residirem naquele lugar.

Além disso, existe outro aspecto interessante sobre a configuração de Chaparral. A abordagem de Holston caminha no sentido de pensar as apropriações dos elementos de uma “ordem dominante” feitas pelos habitantes daquele espaço, complexificando a ideia de uma relação centro-periferia como forma de descrever a experiência urbana:

a despeito de suas aparentes anomalias, segue um dos padrões residenciais oficiais de Brasília: aquele projetado para as casas rurais às margens dos povoamentos urbanos, o que é precisamente a sua situação. O fato de que seus moradores vivem lá como em um povoamento rural e de que o padrão oficial é seguido pode ser visto no seu sistema de endereços. Os moradores identificam suas casas com placas feitas por eles mesmos, seguindo o código de endereços oficiais de Brasília, exatamente como se estivessem legalmente registradas pelas autoridades locais. Cada casa é chamada de ‘chácara’. Na tipologia residencial oficial de Brasília, só se encontram ‘chácaras’ na Península do Lago Sul, um lugar de elite, onde há 290 delas [...] Para o endereço das chácaras, usa-se a designação dessas quadras adjacentes. Por exemplo, a chácara número 3 em uma área vizinha à Q-15 tem o código QI-15-Ch 3, ou seja, Quadra Interna 15 - Chácara 3. (HOLSTON, 1993, p. 297-298).

Holston defende que esse sistema de endereços funciona como uma apropriação

da tipologia residencial oficial reimaginada para uma área “de assentamento ilegal”. Com isso, ele pensa em um jogo entre os elementos de uma ordem “dominante” e suas apropriações:

de muitas outras maneiras, Vila Chaparral reitera a organização social dominante à sua volta. [...] Os negócios com a propriedade imobiliária, por exemplo, são governados por contratos monetários e de trabalho onde casas (não, evidentemente, o terreno) são alugadas, compradas e vendidas em um mercado que é extremamente competitivo com as outras urbanizações, legais ou ilegais, do Distrito Federal. Esses negócios são respeitados, em última instância, pelo Estado, como se demonstra pelo fato de seus funcionários desmontarem cuidadosamente as casas de um terreno invadido durante as operações de remoção, de modo que possam ser construídas em outro lugar. (HOLSTON, 1993p. 298)

Podemos pensar, então, em uma relação entre ordem e desordem, no sentido de que os moradores desse lugar incorporam certos elementos da “ordem”, do âmbito institucional, como estratégia para se legitimar:

modos pelos quais esta favela, como outras em qualquer lugar do Brasil, modela-se conforme os paradigmas da ordem social legítima, como se, por assim dizer, estivesse ensaiando à espera do momento de entrar em cena, de modo que seus líderes possam argumentar melhor com as autoridades que o lugar merece ter serviços urbanos. (HOLSTON, 1993, p. 299)

Elementos da ordem que são reapropriados e, muitas vezes, ressignificados no manejo daqueles que partem de outra posição, ressaltando as estratégias múltiplas desses habitantes na hora de reivindicar seu “direito de morar”.

4. Considerações Finais

Tendo em vista tudo o que foi discutido neste artigo, é possível dizer que a experiência urbana presente, tanto nos relatos, como nas obras brevemente analisadas, assenta-se em uma tônica da resistência e da denúncia às desigualdades. Representações variadas dentro desse tom aparecem para tentar dar conta da experiência múltipla da vida na cidade. Assim, se olharmos para o fenômeno literário, como Williams nos sugere, enquanto a dramatização de um processo, talvez seja o caso de pensar que essas representações compõem uma comunidade específica – “visível em sua estrutura de sentimentos e demonstrável em suas escolhas formais decisivas” (WILLIAMS, 2011, p. 35).

Porém, nessa incursão inicial, não é possível avançar mais, tendo em vista que faltam diversos outros elementos a serem considerados na análise. Assim, o que fiz até aqui foi um levantamento de pontos significativos, enquanto tentativa de apontar para uma “posição do observador”. (WILLIAMS, 1989)

Como caminho para uma análise futura que se debruce sobre essas representações, é importante pensar em sua inserção no desenrolar histórico, considerando as configurações e as tonalidades próprias que elas venham a adquirir, visto que “o campo e a cidade são realidades históricas em transfor-

mação”. (WILLIAMS,1989, p. 387) Nesse sentido, acredito que Williams é um autor que pode ajudar nas investigações, pois nos permite compreender que a relação com espaço, dentre outros aspectos, é também sentimental.

Além disso, nos ajuda a perceber o modo como esses sentimentos compõem formas específicas de ver e dizer os espaços e guardam relação com a posição daqueles que observam. Nesse ponto, entra em cena uma visão específica sobre a cidade que os sujeitos aqui mencionados apresentaram, na contramão da utopia de Brasília enquanto capital modernista. Uma vivência da cidade pela ótica de uma experiência pautada em suas contradições. Pelos signos de uma “resistência”, os moradores dessas Regiões Administrativas sentem-se impelidos a afirmar-se frente a sua exclusão, lançando mão de estratégias próprias e variadas. Assim, podemos pensar no papel da literatura como algo que dialoga com essa complexidade da vivência no espaço urbano. Uma “Literatura Marginal”, como nos sugere a experiência de Planaltina, que ressignifica a experiência de estar “à margem” como estratégia de legitimação.

Tendo isso em vista e feita a aproximação entre Ceilândia e Planaltina, como espaços marcados por uma tensão com a concepção de cidade que informa o planejamento do Plano Piloto, caberia, a partir disso, uma análise das diferenças e especificidades desses lugares. Não apenas das regiões, mas também das trajetórias dos diversos artistas. Seja na ótica de explorar o que Williams

(1989) chama de “posição do observador”, entendendo que a posição daquele que produz uma obra de arte tem relevância para se pensar as representações que ela institui, seja pensando na perspectiva de uma “etnografia popular”, como propõe Antonádia Borges.

Ainda há muito para ser considerado e múltiplos caminhos para abordagens. Dessa maneira, o presente trabalho apenas aponta algumas possibilidades para pensar a literatura e as representações da cidade, num esforço preliminar ao redor desse objeto que é novo para mim – a literatura e a experiência urbana no Distrito Federal.

Referências

ALEXADRE, Edson. Busca de Conforto. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas: Literatura Marginal**. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

BASTOS, Meimei. Num instante o peso de séculos. *In*: BASTOS, Meimei. **Quatro poemas de Meimei Bastos**. Ruído Manifesto, julho de 2021a. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/quatro-poemas-de-meimei-bastos/>. Acesso em 03 set. 2022.

BASTOS, Meimei. Olugbala. *In*: BASTOS, Meimei. **Quatro poemas de Meimei Bastos**. Ruído Manifesto, julho de 2021b. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/quatro-poemas-de-meimei-bastos/>. Acesso em: 03 set. 2022.

BASTOS, Meimei. Quintal. *In*: BASTOS, Meimei. **Cinco Poemas de Meimei Bastos**. Ruído Manifesto, julho 2020. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/cinco-poemas-de-meimei-bastos/>. Acesso em: 03 set. 2022.

BORGES, Antonádia. Explorando a noção de etnografia popular: comparações e transformações a partir dos casos das cidades-satélites brasileiras e das townships sul-africanas. **Cuadernos de Antropología Social**, nº 29, p. 23–42, 2009.

CARDOSO, Nyna. Marielle Presente. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas: Literatura Marginal**. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

CARMO, Ravena. Salve Planaltina. *In*: CARMO, Ravena (org.). **Poesia nas Quebradas: poesia marginal e literatura periférica**. Volume 1. 1ª Edição. Brasília, 2019.

FLORINDO, Girlane Maria. Meus versos-teia. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas: Literatura Marginal**. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

GABRIELA, Yanara. Salv[ar-te]. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas: Literatura Marginal**. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MARTINS, Weveston. Desabafo de um detento. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas: Literatura Marginal**. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

PAVIANI, Aldo. A Construção Injusta do Espaço Urbano. *In*: PAVIANI, Aldo (org.). **A Conquista da Cidade: Movimentos populares em Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 115 -142, 1991.

PIRES, Naty. Escárnio. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas**: Literatura Marginal. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

ROCHA, Rebeca. Aqui na minha cidade. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas**: Literatura Marginal. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.

RESENDE, Mara. Movimentos de Moradores: A experiência dos inquilinos de Ceilândia. *In*: PAVIANI, Aldo (org.). **A Conquista da Cidade**: Movimentos populares em Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 209 -230, 1991.

VERONIKA, Vera. Introdução. *In*: CARMO, Ravena (org.). **Poesia nas Quebradas**: poesia marginal e literatura periférica. Volume 1. 1ª Edição. Brasília, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. 1ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WN, Rapper. Brasil da Gente. *In*: CARMO, Ravena; GOMES, Adriana (org.). **Poesia nas Quebradas**: Literatura Marginal. Volume 2. 1ª Edição. Planaltina – DF: Edições Kisimbi, 2021.